

## ART POÉTIQUE

### I

Porrada de problemas – insolúveis,  
ça va sans dire – mas o pior é que  
mudam sempre de forma, como nuvens  
num dia de muito vento – ou um leque  
fechando e abrindo – não, a imagem é estúpida,  
e não tem nada a ver com essa história;  
o símile do leque foi sem dúvida  
puxado pela rima – feito “glória”  
com “memória” – no entanto, quem garante  
que este modo de atrelar pensamentos  
seja pior que outro qualquer? que o antes  
não possa vir depois? que o encadeamento  
tenha que obedecer a algum sistema?  
(Mas isso é só o *primeiro* problema.)

### II

Diário de viagem sem viagem  
ou carta sem nenhum destinatário:  
palavras que, no máximo, interagem  
com outras palavras do dicionário.

Um escrever que é verbo intransitivo  
que se conjuga numa só pessoa.  
Um texto reduzido a substantivo  
menos que abstrato: se nem mesmo soa,

como haveria de querer dizer  
alguma coisa que valesse o vão  
e duro esforço de fazer sentido?

Por outro lado, a coisa dá prazer.  
Dá uma formidável sensação  
(mesmo que falsa) de estar sendo ouvido.

### III

Uma forma de vida se anuncia,  
ainda hesitante. Mas insistente.  
Põe o focinho de fora. Uma esguia  
cabeça. Uma pata. Tranqüilamente,  
como se não estivesse nem aí.  
Agora está à vista de corpo inteiro,  
arisco, peluda feito um sagüi,  
rabo felpudo de angorá, e um cheiro  
talvez de almíscar. O olhar é de cão,  
mas a desconfiança é bem felina.  
Diante dela, temos a impressão  
indefinível que a gente imagina  
ter diante de um grifo, ou de uma esfinge.  
Só que ela existe. (Ou, pelo menos, finge.)